

Depoente: Luisa Maxacali.

Entrevistadores: Marco Túlio Antunes Gomes.

Data: 8 de junho de 2017.

LUISA: Aí Pinheiro veio pra cá, com as polícia dele e ficou trabalhando, assim, avião e com índio. Judiava dos índios, disse que estava proibindo eles bebe, né, ai levava pra longe, batia, judiava, meu pai mesmo já foi muitas vezes preso.

MARCO TÚLIO: Quem que é o pai da senhora?

LUISA: Adolfo.

MARCO TÚLIO: Adolfo.

LUISA: É. Ai foi indo, foi indo, e eles desceu umas coisas aí que eu nem sei dessa vez, meu pai contava, dessa vez a gente era criança, a gente nem sabe mais noticia, né, pra gente fica escutando, pra depois fala. Agora o que sabe bem, bem mesmo é Diva, que ela era mais veia. Diva é muito mais veia do que nós, Zé, Zé irmão meu que mora ali. Ai judiava muito dos povo, os índios, não deixava os índio sai pa canto nenhum, eles ficava tudo preso aqui dentro, eles trazia alimento dentro da terra pra eles não sai pra rua, minha roupa e tudo, mas também ele judiava. Um cadinho já brigou muito mais as polícia aqui dentro, já levaram índio lá pa... Pro Krenak, diz que lá judiou dele muito, bateram muito, chegou aqui na aldeia, morreu aqui.

MARCO TÚLIO: A senhora sabe quem é que foi essa pessoa?

LUISA: Sabe, finado Gero. Ai morreu com as pancada das polícia, né, foi mandado. Es finado de Osmim Neves, foi um branco que matou, ele vinha bêbado lá da rua, deitou no meio da estrada, eles foi lá aproveitou e matou. Ai juntou os povo da FUNAI, o povo do cima, caçando esse índio, até achou. De lá mesmo enterrou ele lá na fazenda. Quase que aconteceu uma briga, que eles não queria enterrar, mas eles enterram. Foi um bocado, desses tempo. Ai esse marido meu, que mais vinha brincando ai comigo, es colocou pra ser só como a polícia, né, ai ele disse que ele foi polícia, desde Pinheiro, judiava dos próprios parente dele mesmo, que ele mandava, né.

MARCO TÚLIO: Uhum.

LUISA: Negócio de polícia, se mandar eles fazem, ai es fazia, batia. Ai eu cresci, eu cresci e desse tempo já tinha acabado. Esse tempo de Pinheiro já tinha acabado tudo, só tinha a Funai. Daí pra cá, agora que foi certando, como que as coisas é, como que as coisas põe na cabeça. As que muita coisa ruim desse tempo antigo aconteceu.

MARCO TÚLIO: Sim.

LUISA: Lá mesmo lá do Paradim já morreu um bocado também, os branco mata. Aqui já morreu não sei quantas pessoa, que os branco matou. Muita pessoa. Ai dessa vez eu fui crescendo, e meu marido já era da idade, né, mas ele não contava pra mim como que era as coisas não, né.

Eu perguntava ele como que é, “conta ai pra mim as coisas que foi passado”, eu contava, mas ele contava dos tempo do pai dele, né.

MARCO TÚLIO: Sim.

LUISA: Que eu casei com ele, ele já tinha mais de 40 anos, e eu tava com 13 ano. Ai quando inteirou... Não sei quanto anos mais, daí ele faleceu. Ai fiquei, fui abrir minha cabeça também, ai fui entendendo essa coisas, agora que eu tô vendo de agora tá passando, né, de agora morreu um índio lá na rua, que é o Valdeir, que o branco matou e fala que não foi ele, mas sabe que era branco mesmo que matou. Já morreu um lá em Maxakali, já se fala que o próprio parente dele matou, mas eu acho foi branco que matou, não sei. Uns fala que foi branco, uns fala que o próprio índio matou, daquele jeito, né.

MARCO TÚLIO: Quem que era esse?

LUISA: Hã?

MARCO TÚLIO: Esse que a senhora está falando?

LUISA: É, filho de Tomé.

MARCO TÚLIO: É o Alcides?

LUISA: Não, Alcides foi também... Antônio. Antônio.

MARCO TÚLIO: Como que era o nome do marido da senhora?

LUISA: Era finado Dival, chamava Dival, né. Dival Maxakali. Trabalho, que eles trabalhava pra ele, né, finado Dival, Carmino, finado Doutor, que já morreu também, finado Antônio, que já morreu também, era um bocado, não era, Mazinho?

MAZINHO: Juzinho que era 12 parece, né, Lu?

LUISA: Eu acho que era, eu tô falando com ele aqui que nem sei o dia que es era polícia dele. Eu não sabia, não.

MAZINHO: Antônio, Dival, Quelezinho e Totó, quatro, Carmino , cinco, Doutor, seis, Rondon já falei, Carmino, sete... Eu sei eles era 12.

LUISA: Pois é, ai es mandou, es parou de trabalhar aqui, saiu todo mundo, foi embora todo mundo, e também tirou eles do serviço, né, agora ficou assim.

MARCO TÚLIO: A senhora lembra de outros policiais?

LUISA: Não lembrar.

MARCO TÚLIO: Não né.

LUISA: Eu era pequena nessa vez, não lembro.

MARCO TÚLIO: E depois que o Pinheiro foi embora? Melhorou, piorou, continua a mesma coisa?

LUISA: Eu acho que miorou, por causa que não tinha quem mais judiava dês, né.

MAZINHO: É, exatamente.

LUISA: E es alimento dês, graça a Deus, alimento dês ia continua a roça dês, batata, mandioca, milho, cana, até... Foi continuando, miorou, né.

MARCO TÚLIO: Uhum.

MAZINHO: Aqui na aldeia é boa viu, de viver, eu gosto daqui, tranquilo.

LUISA: Agora Zé sabe muito. Zé...

MAZINHO: Oh, e essa ai mesmo, oh, é filha de Maria lá, aquela de irmã de Zezinha lá, aquela lá. Do caso do pai dela, faleceu lá, ela é também, já matou dela.

MARCO TÚLIO: E como é que o SIME ficava aqui, o que eles faziam?

LUISA: Ajudava a gente muito, viu, es ficava com dó dos índio, es sai tudo com a gente, fazia projeto pra comprar as coisa pra eles, alimento, e ajudava a olhar na rua, ajudava a viajar com es, es fazia era muita coisa, o povo do SIME. Ajudava era muito.

MARCO TÚLIO: A senhora lembra do nome de alguém do SIME?

LUISA: Oh, moço, o tanto de povo do SIME que já entrou aqui, eu lembro da Digeralda, de... Ângela, Lutimar,

MARCO TÚLIO: Ângela, Gerada...

LUISA: Um bocado, um bocado de pessoa já trabalhou aqui. Ângela, nessa vez que morreu finado Ozina, Ângela que pelejou mais esse povo que fez enterrar ele lá. Que es pegou o corpo, jogou no mato, quando polícia foi pecurar, pecurar, quando foi à noite es trouxe ele, já podre, colocou lá no meio da estrada. Ai onde é colocou, es enterrou ele lá mesmo.

MARCO TÚLIO: Uhum.

LUISA: (Trecho incompreensível) a esposa dele.

MARCO TÚLIO: Você não acha bom, a gente tirar foto, tem sobrinho que tá enterrado lá.

MARCO TÚLIO: Não, acho que nós vamos lá também tirar foto.

MARCO TÚLIO: E é fora da reserva, matou, é prova que é fora da reserva.

LUISA: Fora da reserva.

MARCO TÚLIO: A senhora lembra de outro caso, de assassinato, de espancamento de índio? Algum que a gente pode acrescentar?

LUISA: É Thiago, Thiago eu alembro um pouco dele, que eu vi.

MARCO TÚLIO: Hum.

LUISA: Thiago ele vinha da rua, ai o cara espancou ele, chegou aqui bebo e voltou, no outro dia. Ai chegou lá, as polícia às vez já tava esperando ele lá, estava esperando eles, e brigou lá,

e atirou nos povo, nos índio. Ai a bala acertou nele, na perna. A bala acertou na perna, ele caiu, o povo deixou ele e veio embora. Quando voltou lá ele já estava morto.

MARCO TÚLIO: Deu hemorragia na veia, cortou a veia. Morte interna.

LUISA: Tem um bocado, só que eu não alembro muito, não, não põe na cabeça que depois que esqueci marido morreu, mãe morreu, é filho morrendo, ai a gente nem coloca as coisa na cabeça da gente mais. Até agora mais cedo, só tirei minhas férias, pensando que eu faço que nem os povo, agora a gente só fica olhando pos paciente, né. Joãozinho ruim do olho hoje, pediu pra levar pra atrás de puguinha porque tinha que levar ele pelo menos no rezador lá, porque tava usando ele, eu levo pra ele, e ele nem sabe muito das coisas, não.

MARCO TÚLIO: Tá certo. Oh, Dona Luisa, pra acabar então com a senhora, a senhora acha que falta o que hoje para os Maxakali?

LUISA: Nossa! Nós quer que miora, né. Nós que miora muito aqui, essa aldeia aqui, por causa que os índio tá precisando, tem uns que trabalha, senão fosse esses cartãozinho que es tá pegando, oh, moço, es passava era apertado. Passava, e têm uns que passa fome.

MARCO TÚLIO: Fala também sobre a cesta básica ai, viu, você fala.

LUISA: É, tem uns que passa fome aqui, tem vez que eu tenho até dó. Eu tô aqui, quando eu faço uma coisa aqui pros netinho meu come, quando eu vou olhando o prato que tá o resto, vou oiá logo pros meninos de Marcelinho. Os fio de Marcelo.

MARCO TÚLIO: Nossa! Tá difícil, viu.

LUISA: Oh, gente, ó, cês põe arroz aqui, tem umas pessoa que precisa, tem hora que o médico chorou por causa desses menino. Os pais sofre.

MARCO TÚLIO: Fala muito sobre isso, viu, alimento, viu.

LUISA: Essas bebida e deixa as crianças de mão, né. Não alembra dos menino. Um dia o médico consultou es, e nos dando a sopa es lá, nos ficou até com dó. Parece que as familinha passa apertado, e nós tá precisando miora bem aqui, tem uma de cesta base todo mês pra es, todo mês, acho que esses menino miorava, viu. Ai não adoecia também, não, eu acho que es tá adoecendo mais por causa que es não alimenta do jeito que os branco não alimenta, né. De manhã cedo, es não acha nada pra come, café puro não sustenta ocê, um chá puro não sustenta ocê, ai nós quer que miora es. Só isso. Esse indígena aqui. Agora mesmo eu tava falando aqui, tava falando que os índio adoece mais é por causa da... Não

alimenta direito, tem muito criança que... e mesmo assim o governo manda os cartão, uns que faz uns cartãozinho, pega 150, 150 hoje em dia não tá saindo nada. Ainda corta tudo de nos de volta, tá tudo cortado, os cartão dê.

MARCO TÚLIO: Oh, Luisa, vamos buscar o cartão lá hoje, viu. Se alguém daqui fez negócio do cartão, vamos pega uns cartão lá hoje, viu.

LUISA: Pois é.

MARCO TÚLIO: Vou ver quem é, se tiver alguém, trazer, viu. E assinar lá e pegar.

LUISA: Tá tudo cortado, uns bocado está reclamando, aí agora nós vai passar apertado, cortou o meu cartão, uns fala: “vou passar apertado, cortou o meu cartão”. Eu mesmo tô pegando só meu salarinho. Eu tinha um cartão, es pegou e cortou, entendeu? As coisas não vai seguir. Xá pra lá, e es tá vivendo com esse cartãozinho, viu, tem um bocado que tá passando apertado.

MARCO TÚLIO: Uhum.

LUISA: Nós queria uma ajuda assim, uma cesta base e todo mês pra esses índio, es miorava bem, não adoecia muito. Água aqui, tem hora que água vem, tem hora que água vai embora.

MARCO TÚLIO: E vive quase sem água tem hora. Isso aqui que tem o rio perto, mas quem não tem.

MARCO TÚLIO: É isso então, Dona Luisa?

LUISA: (Trecho em língua indígena) foi morrido lá em Araçuari, que es bateu com o carro. Já morreu três ou quatro índio lá em Teófilo Otoni, que eles bateu no carro.

MARCO TÚLIO: Então tá certo, então. Dona Luisa, muito obrigado.

LUISA: De nada.